

## Ato Público

### A Resistência Religiosa nos 60 anos do Golpe Militar do Brasil



**Moderadora: Magali Cunha**

Cumprimentamos todos e todas vocês que se unem à iniciativa “Violência e Abuso de poder nunca mais! A resistência religiosa nos 60 anos do golpe militar brasileiro”  
Somos onze organizações e coletivos que atuam com grupos religiosos na defesa da democracia e dos direitos humanos:

Casa Galileia

Coletivo Esperançar

Coletivo Memória e Utopia

Coletivo Sementes da Democracia

Frente de Evangélicos pela Estado de Direito

Instituto de Estudos da Religião - ISER

Iser Assessoria

Koinonia – Presença Ecumênica e Serviço

Movimento Juventudes e Espiritualidades Libertadoras

Movimento Negro Evangélico

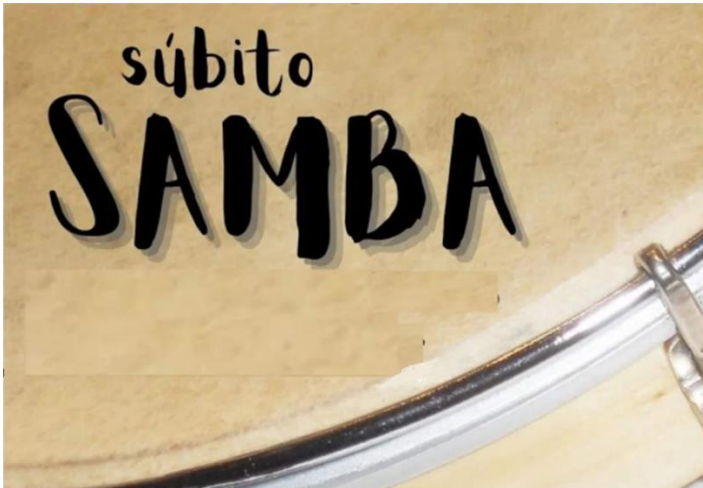
Novas Narrativas Evangélicas



Agradecemos o apoio do Centro Cultural da Justiça Federal nas pessoas da responsável pela Divisão de Cultura Elaine Pauvolid Hamburger e de sua equipe, pela parceria para a realização deste evento.



Agradecemos à participação do grupo musical Súbito Samba, que vai nos introduzir no clima do evento com a canção “Vai Passar.”, de Chico Buarque.



É muito significativo estarmos aqui neste espaço! Estamos na Sala de Sessões do Supremo Tribunal Federal. Este era o prédio do STF quando o Rio de Janeiro era a capital da República. A instituição que cuida do cumprimento da Constituição do País, que existe para garantir o Estado Democrático de Direito! Estamos aqui neste espaço histórico para dizer Democracia Sempre! Ditadura Nunca Mais!

Com esta iniciativa buscamos dialogar com as pessoas de boa vontade sobre as memórias da Ditadura e suas violações de direitos, bem como as implicações nefastas ainda presentes. Além disso, com base no nosso perfil e na nossa experiência, ressaltar o lugar das igrejas e das religiões em geral na resistência à violência e aos abusos de poder.

É muito importante nos reunirmos para pensar sobre os efeitos desta memória hoje! A relação da ditadura militar com questões estruturais de violências que se mantêm e se reproduzem ainda hoje, que são resultado dos processos repressivos da época. Também é importante contrapormos as posturas de certas igrejas e suas lideranças alinhadas a propostas contra a democracia, de apoio a autoritarismos baseados em violência e eliminação de minorias sociais e de opositores.

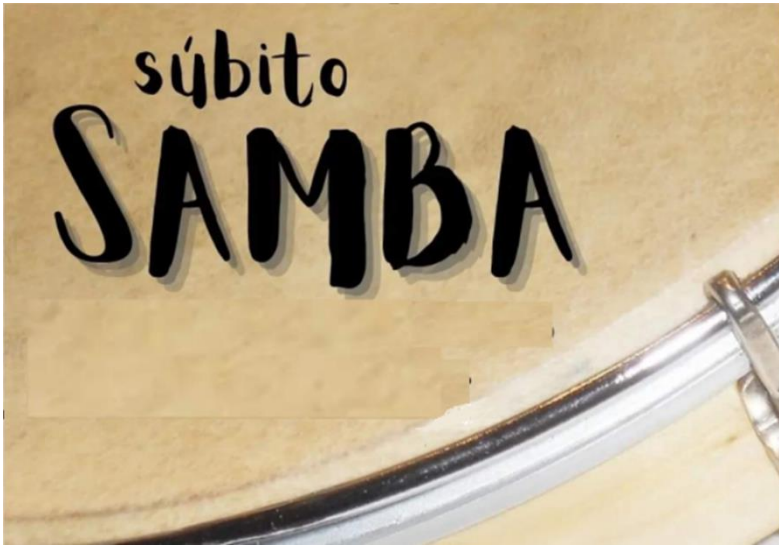
Neste sentido, também julgamos necessário e oportuno o diálogo com as juventudes, tanto as das igrejas quanto a da sociedade mais ampla, para compartilhar as experiências das décadas anteriores, ouvir e aprender juntos e juntas a discernir os sinais e demandas que a conjuntura atual nos apresenta.

Com esta iniciativa, desejamos contribuir para o fortalecimento da democracia, especialmente tendo em mente os momentos instáveis que a democracia viveu no nosso país a partir de 2016, com o golpe que destituiu um governo democraticamente eleito, agravadas depois com a ascensão da extrema direita ao poder da República.

Agradecemos muito a presença de cada um, cada uma neste momento!

Uma das formas mais importantes de resistir à ditadura tem sido a cultura e particularmente a música. Um dos compositores que mais cantou esta resistência foi

Chico Buarque. Temos aqui a grata participação do grupo Súbito Samba, que vai trazer à memória esta forma de resistir com a canção “Roda Viva”, de Chico Buarque.

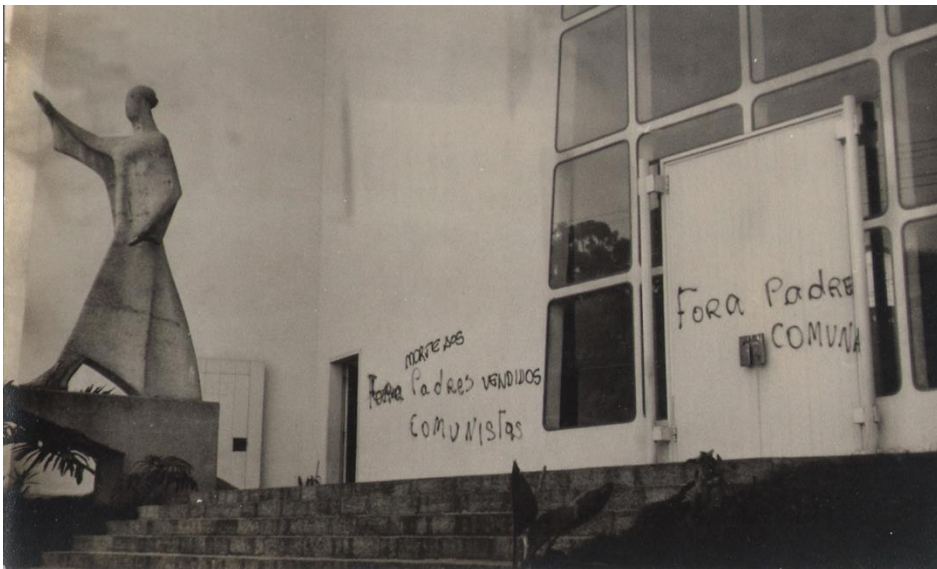


Neste ato, queremos trazer a memória daqueles e daquelas que, em nome da sua fé, resistiram à ditadura. Temos como base o relatório da Comissão Nacional da Verdade, com o capítulo especial sobre as igrejas cristãs, grupo religioso hegemônico no país. Infelizmente não temos dados oficiais sobre pessoas presas, torturadas, exiladas, mortas e desaparecidas de religiões de matriz africana, do Judaísmo e de outros grupos religiosos.

Segundo o relatório da CNV foram 301 cristãos que sofreram as agruras da repressão.

273 pessoas católicas foram presas, entre bispos, padres, religiosos, agentes de pastoral, pessoas leigas da igreja. Entre católicos, 18 foram assassinados ou se tornaram desaparecidos pelo regime (quatro padres, três religiosos e religiosas); 17 foram banidos, expulsos ou exilados, todos depois de prisão e tortura. Um bispo foi sequestrado e humilhado (deixado nu na rua com o corpo pintado) por agentes do Estado, D. Adriano Hipólito, da Diocese de Nova Iguaçu. A Catedral de Nova Iguaçu teve altar explodido.

Temos entre nós um católico, um dos sete freis dominicanos presos pelo torturador Sérgio Paranhos Fleury, delegado do Departamento de Ordem Política e Social (o DOPS). O professor Ivo Lesbaupin. Ivo, 60 anos depois do golpe de 1964, 55 anos da sua prisão e a dos seus companheiros de ordem, como você avalia a atuação da Igreja Católica naquele período?

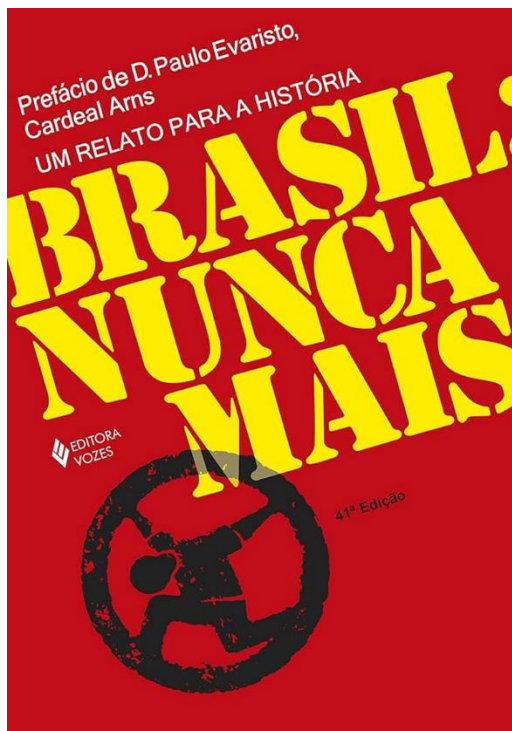


**Intervenção cultural Chal Enigma e Neek, do SLAM RIO DE JANEIRO**



Segundo a Comissão Nacional da Verdade, 28 evangélicos foram presos porque resistiram ao regime de repressão e morte em nome da fé no Deus de amor, misericórdia, paz e justiça. Destes, 18 foram torturados como restos humanos: um missionário metodista, quatro metalúrgicos metodistas, dois professores (uma metodista e um presbiteriano), um operário deputado estadual presbiteriano, sete estudantes (seis metodistas e um presbiteriano), um sociólogo presbiteriano, um seminarista presbiteriano, um trabalhador rural pentecostal. São sete os mortos e desaparecidos forçados. Vários deles foram delatados por irmãos das igrejas e até por seus pastores.

Uma das formas de resistência das pessoas cristãs que buscam a paz com justiça foi o projeto Brasil Nunca Mais.



Uma das situações mais tristes, indignas e ultrajantes dos últimos anos no Brasil é sermos forçados a explicar que tortura é uma ação atroz, inumana e degradante. Soa inacreditável que existam pessoas que não apenas apoiam políticos, declaradamente favoráveis à prática da tortura, mas também celebram a abominável memória de torturadores, como o Coronel Carlos Brilhante Ustra.

Muito antes do Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade, apresentado em 2014, o importantíssimo projeto Brasil: Nunca Mais já expunha as atrocidades do regime militar com muita nitidez. Foi considerado a primeira Comissão Nacional da Verdade, articulado nos anos 70 por advogados e jornalistas, tornado concreto com a articulação ecumênica do cardeal Dom Paulo Evaristo Arns e do pastor presbiteriano James Wright e o apoio financeiro e operacional do Conselho Mundial de Igrejas.

O livro publicado pela Editora Vozes, em 1985, sintetiza 900 mil cópias em papel e 543 rolos de microfimes, de seis anos de trabalho, com documentos de 707 processos da Justiça Militar. Neles eram detalhadas as práticas de violação física e moral de presos nos cárceres das Forças Armadas e da Polícia Política.

Essa, aliás, foi uma das ideias geniais do Brasil: Nunca Mais, o uso de documentos oficiais do próprio Estado para comprovar a prática reiterada e institucionalizada da tortura como ferramenta de investigação, repressão e punição durante a ditadura militar. O Brasil Nunca Mais não deu chance de se usar a palavra da moda e dizer que as memórias das torturas perversas são “fake news”.

Os acervos do Brasil: Nunca Mais listam 30 práticas degradantes contra seres humanos porque faziam oposição ao regime. Havia torturas psicológicas como coações e

ameaças de morte aos presos, às esposas, filhos e demais parentes, fuzilamentos simulados, uso de esposas e filhos como audiência das torturas. E mais: os choques elétricos, espancamentos, geladeira, pau de arara e pau louco (roda palmatória), queimaduras de cigarros, sufocamento, afogamento, sevícias, “telefone”, estupros coletivos, introdução de objetos e animais em vaginas e anus, pendura pelos testículos, pênis pregados em mesas.

A selvageria foi praticada direta ou indiretamente por 377 membros das Forças Armadas, policiais federais, civis e militares, delegados e médicos, todos identificados nos processos. Militares estadunidenses e de outros países ofereceram treinamento. Presos comuns e moradores de rua eram usados como cobaias.

Temos aqui rostos de irmãs e irmãos nossos, católicos e evangélicos, citados no relatório da Comissão Nacional da Verdade, como mortos e desaparecidos pela ditadura

**Depoimento em vídeo de ex-presos metodista Anivaldo Padilha.**

**Neste momento, as pessoas que estão empunhando cartazes com retratos e nomes dos mortos e desaparecidos falam cada nome, ao que participantes respondem “Presente!”**



Neste ato não queremos marcar apenas a resistência cristã, das igrejas. Queremos também marcar a resistência de nossos irmãos e irmãs indígenas, negros e negras, que também têm suas expressões fé.

Ouiremos agora três destes irmãos e irmãs – deixo com ele e com elas uma questão: quais são os efeitos da ditadura militar na vida das pessoas indígenas, negras e de religiões de matriz africana? O que podemos aprender para o enfrentamento das violências que sofrem hoje?



- Palavra da professora guarani Marize Vieira de Oliveira-Pará Rete, presidente da AIAM (Associação indígena Aldeia Maracana), uma das fundadoras e conselheira do Conselho Estadual dos Direitos Indígenas CEDIND e atua em outras organizações pela causa indígena
- Palavra da Rakell Matoso, professora, liderança do Movimento Negro Evangélico
- Palavra da Ana Gualberto Egbom de Oxum do Ilê Axé Ofá Omi Layo e diretora executiva de KOINONIA

Palavras de saudação: ex-deputada estadual pastora Monica Francisco, representando a deputada federal Benedita da Silva (PT-RJ), Bispo anglicano Eduardo Grillo, representando todas as lideranças religiosas presentes (pastores, pastoras, padres).

Agradecemos mais uma vez a presença de cada um, cada uma de vocês!

Somos onze organizações e coletivos que atuam com grupos religiosos na defesa da democracia e dos direitos humanos:

Casa Galileia

Coletivo Esperançar

Coletivo Memória e Utopia

Coletivo Sementes da Democracia

Frente de Evangélicos pela Estado de Direito

Instituto de Estudos da Religião - ISER

Iser Assessoria

Koinonia – Presença Ecumênica e Serviço

Movimento Juventudes e Espiritualidades Libertadoras

Movimento Negro Evangélico

Novas Narrativas Evangélicas



Promoção:



Realização:



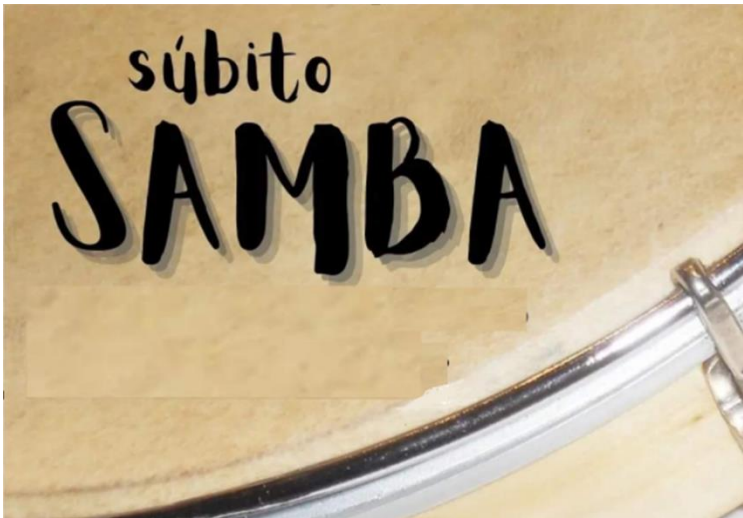
Nossa iniciativa continua com a Mostra de Cinema “60 anos do Golpe Militar”, 11 a 17 de abril – Estação NET Botafogo – um filme por dia às 19h, com debate às 21h. Acompanhe a programação pelo site [www.memoriaeutopia.com.br](http://www.memoriaeutopia.com.br)



Nossa iniciativa apoia as atividades do Fórum Grita Baixada com a exposição Memória aos 60 Anos do Golpe 64 na Baixada Fluminense e o livro Desaparecimento Forçado; Vidas Interrompidas na Baixada Fluminense

Agradecemos, mais uma vez, o apoio do Centro Cultural da Justiça Federal nas pessoas da responsável pela Divisão de Cultura Elaine Pauvalid Hamburger e de sua equipe, pela parceria para a realização deste evento.

As canções de resistência são canções de denúncia e também de esperança . Por isso, Chico Buarque também cantou “Amanhã vai ser outro dia”



Vamos encerrar esta noite com Súbito Samba cantando Apesar de Você